

Relações de gênero na Educação Física Escolar

Letícia da Silva Soares^{1*}; Yverson Felismindo Lima²; Érica Pereira Neto³

¹ licenciada em Educação Física pelo Instituto Federal Fluminense; ² licenciado em Educação Física pelo Instituto Federal Fluminense;

³ professor de Educação Física do Instituto Federal Fluminense campus Campos Centro; *leticiassoares@yahoo.com.br

Resumo

O conceito de gênero faz referência às construções sociais de identidade, que estabelecem o que pode ser considerado feminino e masculino em determinada sociedade. O objetivo deste trabalho foi investigar a percepção do professor de Educação Física sobre a interação de meninos e meninas durante suas aulas, refletindo nas questões de gênero. O estudo foi do tipo combinado descritivo/exploratório, no qual participaram onze professores/as de Educação Física de três escolas Estaduais do Município de Campos dos Goytacazes/RJ. Os resultados demonstram que as questões de gênero não são consensuais entre os/as professores/as. Eles/as apontam desvantagens das meninas em relação aos meninos durante as aulas e os motivos mais assíduos apontados pelos/pelas professores/as são: maior força física deles e diferença de habilidade entre eles/elas, atribuindo características aos meninos e meninas através de estereótipos de gênero. Foi possível inferir que separar os/as alunos/as por sexo durante as aulas de Educação Física é tão prejudicial quanto deixar de debater questões relacionadas ao gênero. Assim como, somente juntar meninas e meninos não é suficiente para combater as desigualdades de gênero. Destacamos que, novos estudos sobre o tema são necessários, bem como, formação inicial e continuada de professores/as de Educação Física que contemplem este assunto, já que as aulas de Educação física se mostram um espaço privilegiado para isso.

Palavras-Chave: Relações de Gênero. Educação Física Escolar. Estereótipos.

Introdução

Inicialmente, a Educação Física tinha o objetivo de tornar as mulheres fortes e saudáveis para terem condições de gerar filhos vigorosos e de tornar os homens aptos para construir a Pátria. Os perfis dos estereótipos masculino e feminino foram sendo configurados de acordo com o entendimento de que as atitudes femininas e masculinas eram determinadas somente pela influência biológica, ajudando a formar a ideia de superioridade do gênero masculino sobre o feminino, sendo distanciada a ideia de que, o indivíduo é formado socialmente e culturalmente (CASTELLANI, 1988).

Na década de 1990, passamos por mudanças importantes no Brasil em relação à organização da turma nas aulas de Educação Física. A divisão de meninas e meninos tornou-se cada vez menos frequente, praticamente inexistente nas redes públicas de ensino, nas quais um mesmo professor era incumbido de ministrar aulas para toda a turma. A separação dos mesmos em quadra, para a realização de

alguma atividade (ou todas) não deixou de acontecer, porém, não mais por uma determinação legal e sim, por opção docente (ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011).

De acordo com Altmann (2015), a transformação na organização das aulas de Educação Física coincidiu com o aparecimento dos estudos de gênero no Brasil, constituindo-se um instrumento analítico importante para discussões e as mediações em volta dessa questão. Os estudos de gênero consideram que somente a biologia não define seres femininos e masculinos e que esses são construídos socialmente. Contestam a ideia de que exista uma “essência feminina” e uma “essência masculina”. Como afirma Simone de Beauvoir em 1949 no livro “O segundo sexo”: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Considerando essa afirmação, somos formados/as a partir de experiências, possibilidades de movimentos, processos de aprendizagens, sentimentos etc., que ao longo da vida produzem mulheres e homens, o feminino e masculino. Assim confirma Goellner (2013, p. 25): “Os corpos fazem-se femininos e masculinos na cultura, e essas representações, apesar de serem sempre transitórias, marcam nossa pele, nossos gestos, nossos músculos, nossa sensibilidade e nossa movimentação”.

Tomando este debate como parâmetro gerador, percebe-se a importância de desenvolver este presente estudo, com o objetivo de investigar a percepção dos/as professores/as de Educação Física sobre a interação de meninos e meninas nas suas aulas, refletindo nas questões de gênero. Trata-se de um assunto contemporâneo e que pode contribuir para a construção de uma Educação Física inclusiva para meninos e meninas, possibilitando uma melhor participação de todos/as, e conseqüentemente, a construção de uma sociedade mais igualitária e coeducativa.

Metodologia ou Materiais e Métodos

Com o intuito de contemplar o objetivo traçado para o presente estudo, foi utilizado como método de investigação a aplicação de questionário que, de acordo com Richardson (2008), permite a especificação das características de determinadas dimensões de um grupo social. O questionário foi formado por questões fechadas, estruturadas em escala de Likert, baseados em estudos de Sampaio et al (2014): “O debate-ainda pertinente-sobre as relações de gênero na Educação Física”.

A pesquisa foi realizada em 03 escolas estaduais centrais no município de Campos dos Goytacazes-RJ. Participaram da amostra onze docentes de Educação Física que atuavam em turmas do Ensino Fundamental II destas escolas.

Resultados e discussão

Após a coleta de dados, as informações adquiridas por meio das respostas dos/das onze professores/as participantes da pesquisa foram organizadas em forma de tabela, conforme podemos ver a seguir:

Tabela 1. Questões* acerca das relações de gênero na Educação Física

Frequência	Questão 1	Questão 2	Questão 3
Nunca	0	0	1
Raramente	0	1	0
Às vezes	5	8	1

Muitas vezes	4	2	3
Sempre	2	0	6

***Questão 1** - As meninas interagem com os meninos durante as aulas? **Questão 2** - Você percebe alguma desvantagem das meninas em relação aos meninos durante as aulas mistas? **Questão 3** - Você acredita que as aulas de Educação Física podem ser um importante meio para reorganizar as relações de gênero?

Em relação à questão 1, “As meninas interagem com os meninos durante as aulas?” Cinco professores/as afirmaram que as meninas interagem com os meninos “às vezes”, quatro disseram que isso acontece “muitas vezes”, e dois/duas que isso acontece “sempre”. De maneira geral os/as professores/as acreditam que os/as alunos/as interagem em algum momento das aulas, essa interação é importante para o fim das desigualdades de gênero, entretanto, como pode-se observar nos estudos de Corsino e Auad (2012), as aulas ainda são pautadas numa visão biológica, sendo desfavorável para uma interação onde haja cooperação, valorização igualitária de todas as competências, atributos e habilidades.

Já na questão 2, quando perguntados se observam alguma desvantagem das meninas em relação aos meninos durante as aulas mistas, um/uma professor/a optou pela alternativa “raramente”, oito professores/as escolheram a alternativa “às vezes”, e dois/duas escolheram a opção “muitas vezes”. Podemos observar que a maioria dos/as professores/as escolheu a alternativa “às vezes”, não ficando claro se eles realmente acreditam que isso não é frequente, ou se eles não quiseram dar uma opinião contundente.

Corroborando com os dados aqui apresentados, Dornelles (2011) em seu estudo afirma que os/as professores/as referiam-se aos meninos e meninas de maneira diferente, atribuindo aos meninos características como: potência, força, agressividade, entre outras. As meninas eram tidas como menos habilidosas, lentas, meigas, e com menos energia e força, entre outras descrições. Essa constatação demonstra como as questões de gênero definem o papel das meninas e meninos durante as aulas de Educação Física, determinam se suas capacidades são adequadas para conteúdos definidos e permitem que professores/as façam generalizações em relação às características vistas como femininas e masculinas.

Os resultados encontrados nesta pesquisa apontam para uma visão naturalizada das diferenças existentes entre meninos e meninas, homens e mulheres, concepção bastante difundida na sociedade, isso foi utilizado em outras pesquisas como justificativa de professores/as (DORNELLES, 2007) e alunos/as (JESUS; DEVIDE, 2006), para a realização de aulas de Educação Física escolar separadas por sexo.

Para conhecer um pouco mais como os/as professores/as relacionam as questões de gênero com as aulas de Educação Física, designou-se a pergunta 3: “Você acredita que as aulas de Educação Física podem ser um importante meio para reorganizar as relações de gênero?” Um/uma professor/a optou pela alternativa “nunca”, um/uma professor/a pela alternativa “às vezes”, outros/as três professores/as optaram pela alternativa “muitas vezes” e seis escolheram a alternativa “sempre”.

Embora a maioria dos/as professores/as participantes desta pesquisa acreditem que as aulas de Educação Física podem ser um importante meio para reorganizar as relações de gênero, poucos compreendem o assunto. Conforme os estudos de Rocha (2018), onde, apesar dos discursos dos/as professores/as terem evoluído e

estarem mais conscientes a cerca da importância de se trabalhar o tema das relações de gênero nas aulas, ainda é necessário maior aprofundamento no assunto.

Conclusão

Ao analisar os dados da pesquisa, constatou-se que os/as professores/as acreditam que as meninas interagem com os meninos durante as aulas, bem como, as alunas possuem desvantagens em relação aos alunos.

Apesar da maioria dos/as professores/as acreditarem que as aulas de Educação Física podem ser um importante meio para reorganizar as relações de gênero, poucos buscam planejar as suas aulas pensando nessas questões.

Os/as professores/as de Educação Física tem certa autonomia na elaboração do seu planejamento, ficando livres para decidir o que dar ênfase no ensino. Neste sentido, a atitude do/a professor/a é primordial na extinção ou na reprodução de estereótipos: o seu discurso e a sua maneira de direcionar as aulas podem multiplicar as desigualdades, ou ao contrário disso, reorganizar as relações de gênero em busca de igualdade de oportunidade para ambos os gêneros.

Referências

ALTMANN, H. **Relações de gênero em jogo**. São Paulo: Cortez, 2015.

ALTMANN, H; AYOUB, E; AMARAL, S. C. F. **Gênero na prática docente em educação física: “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar?”**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 491-501, 2011.

AUAD, D. **Relações de gênero nas práticas escolares: da escola mista ao ideal de coeducação**. Tese (Doutorado em Educação: Sociologia da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

BEAUVOIR, S. de. **Le deuxième sexe**. Paris: Gallimard, 1949.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil: A história que não se conta**. Campinas, SP: Papyrus, 1988.

CORSINO, L. N.; AUAD, D. **O professor diante das relações de gênero na Educação Física escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

DORNELLES, P. G. **Distintos destinos? A separação entre meninos e meninas na Educação Física escolar na perspectiva de gênero**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2007.

DORNELLES, P. G. **Marcas de gênero na Educação Física escolar: a separação de meninas e meninos em foco**. Motrivivência, n. 37, p. 12-29, dez. 2011.

GOELLNER, S. **A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da Educação Física**. In: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (Org). Educação Física e gênero: desafios educacionais. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2013.

JESUS, M. L. de; DEVIDE, F. P. **Educação física escolar, coeducação e gênero: mapeando representações de discentes**. Movimento, v. 12, n. 3, p. 123-140, 2006.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ROCHA, B. G. **Relações de Gênero na Educação Física Escolar: um olhar para professores do primeiro ciclo**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Desporto, Universidade do Porto. 2018.

SAMPAIO T. M. V. et al. **O debate -ainda pertinente- sobre as relações de gênero na educação física**. *Educación Física y Deporte*, v. 33 n. 1, p.73-91, Ene/Jul., 2014.